



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



ROMILDA MARIA DE ARAÚJO CAMARGO

**A CONSTRUÇÃO DE LIMITES POR MEIO DE VÍNCULOS
AFETIVOS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA**

CIDADE DE GOIÁS – 2016

ROMILDA MARIA DE ARAÚJO CAMARGO

**A CONSTRUÇÃO DE LIMITES POR MEIO DE VÍNCULOS
AFETIVOS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

CIDADE DE GOIÁS 2016

CAMARGO, Romilda Maria de Araújo. A Construção de Limites por meio de Vínculos Afetivos na Família e na Escola. Cidade de Goiás-GO, Fevereiro de 2016. 50 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE-UnB-UAB

A CONSTRUÇÃO DE LIMITES POR MEIO DE VÍNCULOS AFETIVOS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

ROMILDA MARIA DE ARAÚJO CAMARGO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Professora Orientadora: Sonia Freitas Pacheco Pereira

Membros da Banca Examinadora

- a) Prof. Dra. Magalis B. Dorneles Schenneider
- b) Prof. Dra. Nanci Martins de Paula
- c) Prof. Meire Cunha

Dedicatória

Ao meu esposo, filhos, mãe e genro, pelo apoio e confiança durante minha trajetória acadêmica, foram cinco longos anos nos quais vocês estiveram ao meu lado, essa conquista é nossa.

Agradecimentos

A Deus pela força, por não me deixar desistir deste trabalho, sempre enfrentando as dificuldades e superando meus limites.

Aos meus queridos Mestres, sim com vocês cresci, amadureci e hoje estou aqui, finalizando mais uma etapa da minha vida, e sei que em todas as outras que virão jamais me esquecerei de vocês.

A minha mãe, que sempre confiou em mim e sempre me incentivou na busca do conhecimento. Ao meu esposo Antônio que sempre esteve ao meu lado com uma palavra de encorajamento, não me deixando desistir. A minha filha Laura e ao meu filho Lucas pelo carinho e compreensão. Vocês foram meu estímulo e a certeza de que conseguiria ir até o final. Obrigado por tudo. Amo vocês.

A equipe da Escola Asas de Liberdade, que me apoiaram, me incentivaram e me encorajaram nesta caminhada. Agradeço também, a todas as crianças desta escola, elas são a grande inspiração para seguir nesta profissão, sonhando em ser Pedagoga, elas que me recebem todas as manhã com um sorriso sincero e um abraço afetuoso.

RESUMO

O presente trabalho visa compreender a construção dos limites na família e na escola e a importância dos vínculos afetivos neste processo. Para tanto, se buscou entender o contexto familiar no qual a criança está inserida, o desenvolvimento desta instituição ao longo dos anos, considerando as mudanças e transformações vivenciadas por esta, tanto na ordem afetiva e estrutural, pautadas também em lei. Buscou-se neste refletir acerca do vínculo afetivo, como este interfere no desenvolvimento da criança e como que a família e a escola juntas, em parceria, caminhando rumo aos mesmos objetivos constroem os limites que norteiam os comportamentos adequados para as vivências em sociedade. Nesta perspectiva ressaltou-se o papel educacional da família, sendo esta a base de tudo na vida do ser humano, já que é onde se constrói os primeiros conceitos, evidenciando a afetividade como parte de fundamental importância em nossa constituição enquanto sujeitos. O presente estudo pautou-se em pesquisa teórica bem como de campo, sendo que estes alicerçaram o aprofundamento na temática construção de limites por meio dos vínculos afetivos, corroborando para a compreensão dos vários tipos de comportamentos das crianças na escola, sendo estes definidos pelas vivências em família e pelas vivências na escola, ressaltando assim a importância da parceria destas duas instituições na construção dos limites através do carinho, amor, respeito e diálogo.

Palavras-chave: construção de limites- vínculos afetivos- família- escola

ABSTRAT

This study aims to understand the construction of limits in the family and in school and the importance of emotional ties in the process. To this end we sought to understand the family context in which the child is entered, the development of this institution over the years, considering the changes and transformations experienced by this, both affective and structural, also ruled by law. Sought in this reflect on the emotional bond, as this interferes with the development of the child and how the family and the school together, in partnership, moving towards the same goals build the limits that guide the behaviors appropriate to the experiences in society. In this perspective it was highlighted the educational role of the family, which is the basis of everything in the life of human beings, since that's where it builds the first concepts, showing affection as part of fundamental importance in our constitution as subjects. This study was guided in theoretical research and field, and this underpinned the deepening in thematic construction limits by means of affective bonds, contribute to further understanding of the various types of behavior of children in school, these being defined by the experiences family and the experiences in school, thus underscoring the importance of the partnership of these two institutions in the construction of limits through affection, love, respect and dialogue.

Keywords: Building limites- links afetivos- family- school.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Escolarização.....	30
Gráfico 2 - Dados socioeconômicos.....	30
Gráfico 3 – Escolarização.....	36
Gráfico 4 – Dados socioeconômicos.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Importância dos vínculos afetivos.....	33
Quadro 2 –O que impede o diálogo com a escola.....	34

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
LISTAS DE GRÁFICOS.....	09
LISTA DE QUADROS.....	10
1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO	12
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO	16
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I- A lei, a norma e as regras coletivas para a construção de vínculos afetivos.....	18
CAPÍTULO II- Vínculos afetivos na educação: familiar e escolar.....	21
2.1- Construção das relações humanas afetivas.....	24
CAPÍTULO III- Metodologia.....	26
3.1-Local da pesquisa.....	27
3.2-Público alvo.....	27
3.3- Instrumentos de coleta de dados.....	29
CAPÍTULO IV- Análise e interpretação dos dados.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	45
ANEXOS.....	47
3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	52

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

Esta proposta de fazer um memorial me fez refletir sobre minha formação, minha vida escolar e o quanto esta refletiu em minha prática pedagógica, bem como em meu jeito de ser e de interagir com minha realidade profissional e pessoal. E mais, o que me fez ser como me reconheço hoje?

Sou a filha do meio, entre dois homens, tive uma infância feliz, brinquei muito na rua, de “bete, esconde-esconde, caí no poço...”, vivia com os joelhos esfolados de tanto correr e andar de bicicleta, acompanhando meus irmãos nas aventuras diárias. Fui para a escola com 6 anos de idade, já entrei direto no “prezinho”, era muito curiosa e aprendi a ler rápido, desde o início adorei minha escola, me lembro ainda de minha primeira cartilha “Caminho Suave”, que muitos, como meu irmão mais velho, não conseguindo aprender a ler a decorou inteirinha, era muito engraçado ver a professora tomar a lição dele, jurando que ele tinha aprendido a ler.

Quando adentrei ao mundo das palavras escritas fui apresentada aos gibis, me apaixonei e minha mãe sempre que podia comprava um novo para mim e minha coleção foi crescendo, bem como, meu interesse pela leitura. Adorava quando a professora me pedia para ler em voz alta na sala de aula, gostava também de ir à missa aos domingos de manhã, sempre lia algo no folheto “lá na frente”.

Estudei na mesma escola até a 6ª série que foi quando mudamos de cidade e de vida, minha cidade natal, meus primos, amigos ficaram pra trás e meus pais em busca de melhores condições de vida nos trouxeram para cá, cidade de Goiás, onde vivo até hoje. Foi um momento difícil, passava a maior parte do tempo escrevendo cartas para os meus amigos de infância, ia ao correio quase todos os dias, sempre na expectativa de receber mais uma carta, mas com o tempo minha infância foi ficando no passado, deixando somente saudades e belas recordações.

Minha nova escola, no primeiro dia de aula eu estava com muitas expectativas, afinal era tudo novo, e ela foi o melhor que poderia me acontecer naquele momento, pois me sentia sozinha e perdida, precisava de amigos e ela foi a porta para a construção de novas amizades, me senti bem acolhida. A diretora desta escola era uma pessoa fantástica que queria propor sempre algo diferente e instigador para os alunos, eu me envolvi completamente e esperava ansiosa pelo momento de ir para a

escola. Anos mágicos, nos quais aprendi muito e me senti totalmente integrada a essa nova fase de minha vida, não me sentia mais uma estranha em uma cidade estranha, pelo contrário parecia que sempre vivi neste lugar.

Quando adentrei no ensino médio, com a cabeça a mil, parecia que o mundo estava se abrindo para mim, tantas possibilidades, naquela época podia optar pelos cursos: científico (NP) que preparava para o vestibular (qualquer área, menos magistério), contabilidade (exatas); ou magistério que preparava especificamente para a docência, eu escolhi o primeiro, naquele momento não sabia o que “iria ser quando crescer”, sabia que professora não.

Ao final do ensino médio entre tantos sonhos profissionais me vi diante da possibilidade de prestar um vestibular na área de licenciatura, já que em minha cidade era o que tinha e minha família que sempre viveu no interior nem questionou, muito menos levou a sério minhas aspirações. Então prestei vestibular para história, pensava em ser uma historiadora.

É difícil, reviver minha própria história sem adentrar nos contextos familiares, sociais e políticos ao longo de minha trajetória. Meu primeiro ano na universidade foi muito bom, comecei a gostar do que estava fazendo, mas no final deste mesmo ano engravidei e concluí somente o primeiro ano. Jovem, com uma filha pequena, um marido também jovem que precisava trabalhar para levar o essencial para casa, acabei trancando minha matrícula. A cada ano tentava voltar, mas em vão... Quando minha filha completou 5 anos e meu segundo filho 2 anos, prestei novamente vestibular para história e retornei ao mundo dos estudos, feliz porque sempre pensava que estava me faltando algo.

No último ano de faculdade conheci a Escola Infantil Asas de Liberdade e a presidente da ONG que mantêm esta escola. Interessei-me pelo projeto, até então, nos estágios que realizei no ensino fundamental e médio era convicta de que não assumiria sala de aula. Comecei a trabalhar como voluntária na referida escola e fui me apaixonando por esse tipo de trabalho, e me vi inserida em um mundo que não escolhi, não planejei, com uma formação que não me habilitava para o exercício desta profissão que me atraía cada dia mais.

Ao final de um ano de trabalho nesta escola, decidi fazer uma pós- graduação que pelo menos se aproximasse da prática infantil, então fiz Psicopedagogia, mas senti muito a falta da graduação em Pedagogia durante as aulas. Mas dei continuidade na prática infantil, buscando, lendo, adquirindo conhecimentos no cotidiano escolar, junto com as crianças. Após alguns anos percebi e senti que tinha chegado a hora de retornar à universidade, precisava e mais importante, queria, desejava ser pedagoga, afinal este foi o caminho que me escolheu e meio que por acaso este foi o caminho que escolhi, à docência em educação infantil.

Acredito que minha decisão foi assertiva, pois cada dia, cada ano, cada encontro, cada teórico alicerçaram ainda mais minha prática, vejo que a busca pelo conhecimento está dentro de cada um de nós, seja hoje, amanhã, ou depois, cada um tem seu momento, o importante é estar atento e não deixar passar as oportunidades.

Esta viagem ao passado foi muito proveitosa, pois me possibilitou reconstruir a minha trajetória de forma a tentar compreender a minha formação, bem como minhas próprias escolhas, por que isso e não aquilo? Por que assim, e não assado?... São questionamentos que me impelem a buscar, a querer cada vez mais ser autora de minha própria história. São e foram muitas as dificuldades encontradas, trabalhar, estudar, cuidar da família, não é fácil, mas é muito gratificante, tenho muito orgulho de minha profissão, faço o que gosto e o que acredito, vou me sentir ainda mais realizada quando puder dizer “sou Pedagoga”!

São inúmeros os desafios, quando penso no compromisso que assumo todos os dias ao entrar em contato com as crianças, às vezes me assusto, pois me proponho a ajudá-los a construir uma sociedade mais justa, sem preconceitos, onde o que interessa é o “ser”, os valores, o respeito, sendo que a qualidade do ensino se torna ferramenta para as transformações sociais, econômicas e políticas e estas somente são possíveis por meio da educação.

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) atende às exigências do curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília- Faculdade de Educação UAB-UnB-FE. Foi desenvolvido para aprofundar conhecimentos sobre o tema da construção de limites por meio de vínculos afetivos na família e na escola. Teve como objetivo geral pesquisar como os limites são construídos na família, na escola e como estes vínculos auxiliam e interferem neste processo. E como objetivos específicos: identificar a relação entre os vínculos afetivos e a educação; verificar como os vínculos na família afetam a relação família e escola; investigar como acontece a construção de limites na família e na escola.

Este estudo foi movido pelo desejo de aprofundar as questões referentes aos vínculos afetivos, e sua importância na relação família - escola diante do processo de construção de limites. Sendo que os pais dessa nova geração de crianças estão vivenciando uma situação alarmante, educar com ou sem limites e a construção ou não dos mesmos juntamente com os filhos. A falta de limites é um assunto que vem sendo discutido há alguns anos, já que vem sendo percebido o quanto a falta destes está comprometendo o comportamento adequado das crianças, afetando as relações e a vida em sociedade.

Esta pesquisa buscou abrir espaços para possibilitar uma discussão em torno das consequências da falta de limites nas duas instituições educativas: família e escola. A primeira muitas vezes se sente incapaz e delega, às vezes inconscientemente, seu papel a segunda, que sozinha não pode fazer muita coisa. Portanto, entender se a forma com que os pais e a escola se relacionam com as crianças, na construção dos limites interfere no desenvolvimento e na maneira de se relacionar consigo mesmo e com os outros também é alvo desta pesquisa.

CAPÍTULO I- A lei a norma e as regras coletivas para construção de vínculos afetivos

Segundo o dicionário família é um conjunto de pessoas, em geral, ligadas por um laço de parentesco, que vivem sob o mesmo teto, particularmente o pai, a mãe e os filhos. A Constituição Federal de 1988 amplia este conceito reconhecendo a família formada pelo casamento civil ou religioso, a família constituída pela união estável, bem como, aquela formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

De acordo com o dicionário vínculo é tudo aquilo que liga que estabelece uma relação, é o que ata, é um laço, um nó, e existem diversos tipos de vínculos, mas vamos nos concentrar nos vínculos afetivos, laços tão importantes nas relações entre as pessoas. E é exatamente sobre como os vínculos afetivos auxiliam a construção dos limites tanto na família quanto na escola, que desejo refletir neste primeiro capítulo, como a lei, a norma e as regras coletivas auxiliam neste processo.

A concepção de família tal qual conhecemos hoje existe há muito tempo, mas a Constituição Federal de 1988, determina que a família é a base da sociedade, e é ela que oferece os valores éticos e morais tão importantes para a formação do indivíduo.

A nova perspectiva do Direito de Família “Civil-Constitucional” engloba valores e princípios mais abrangentes, alcançando direitos fundamentais, como a dignidade da pessoa humana (artigo 1º, III, da CF); isonomia, ao reafirmar a igualdade de direitos e deveres do homem e da mulher e o tratamento jurídico igualitário dos filhos (artigo 5º, I da CF); a solidariedade social (artigo 3º, I da CF); e a afetividade que, nesse contexto, ganha dimensão jurídica, sendo considerada como base para uma boa convivência, já que o amor ao próximo e o respeito são imprescindíveis neste processo.

Entre estes, percebe-se que o princípio do respeito da dignidade da pessoa humana, que constitui base da comunidade familiar, veio garantir o pleno desenvolvimento e a realização de todos os seus membros, principalmente da criança e do adolescente (CF, art. 227), auxiliando no desenvolvimento deste processo de construção de limites através dos vínculos afetivos na família e na escola, limites estes tão importantes para a convivência em sociedade, já que são

estas vivências que permeiam os relacionamentos, bem como, o modo de ser e de agir enquanto sujeito social.

Portanto é neste papel social, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 “§ 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”, que a escola se encaixa, juntamente com a família vai colaborando para que as vivências sociais sejam pautadas no respeito e na dignidade da pessoa humana, como prevê a Constituição de 1988.

Neste contexto, percebe-se que família e escola devem ser parceiras e andarem juntas rumo ao mesmo objetivo, cada qual ciente de sua função se tornando cúmplices neste processo, e não adversários, mas por vezes é perceptível o prevailecimento do segundo, ou seja, uma instituição criticando negativamente a outra.

É sabido que a infância é uma fase mágica, na qual a criança vai construindo conceitos que vão constituindo o próprio ser, dando suporte a este processo, na década de 90, temos a aprovação de leis nacionais e elaboração de diretrizes do ministério da Educação, cujos conteúdos evidenciam a importância da participação da família na escola e o significado de participação.

Assim sendo, estas são duas instituições que norteiam e oferecem a base, na qual a criança construirá a própria vida. Para fundamentar essa relação temos o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55; Política Nacional de Educação Especial, que adota como umas de suas diretrizes gerais: “adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno.” Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96):

art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Estado enquanto responsável, juntamente com a família pela educação, criou essas e outras leis que garantem a participação no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos, mas na prática, por vezes, não é bem assim que funciona, comprometendo assim o desenvolvimento satisfatório do processo educacional, criando entraves que geram insatisfação por parte dos pais, bem como, da escola. Neste sentido é importante refletir como a família participa da construção dos limites e como a escola participa e permeia este processo publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação.

Considerando o que preconiza a lei este estudo é de relevância social e acadêmica, é consenso à importância da família na construção dos limites, é ela a base onde a criança irá construir as próprias vivências, de acordo com GOLEMAN (1995, p. 209):

Todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contêm um tema emocional, e, com a repetição dessas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de sua perspectiva e aptidões emocionais. (GOLEMAN, 1995, p. 209)

Portanto, a família é a primeira instituição social formadora da criança, por isso precisam assumir seu papel, segundo Jerome Bruner (2001, p. 9):

A educação não ocorre apenas nas salas de aula, mas em torno da mesa do jantar quando os membros da família tentam extrair um sentido conjunto do que aconteceu durante aquele dia, ou quando as crianças tentam se ajudar para extrair sentido do mundo adulto, (...). (BRUNER, 2001, p.9)

A segunda instituição social formadora da criança é a escola, por isso deve caminhar junto com a família, uma complementando a outra, já que ambas buscam o desenvolvimento da criança perpassando pelo emocional, sendo que os limites construídos com carinho e diálogo geram segurança nas relações que serão estabelecidas, neste sentido, Casarin (2007, p. 22) esclarece que a criança precisa de:

Afetividade e compreensão para sentir-se segura nos processos de aprendizagem. Um ambiente desfavorável provoca a depreciação do amor, do sentimento de incapacidade e, conseqüentemente, um comportamento social comprometido (CASARIN, 2007, p. 22).

CAPÍTULO II- Vínculos afetivos na educação: familiar e escolar

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a seguir, vai muito além, significa ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como do seu papel dentro dela. É auxiliar a criança a se identificar enquanto sujeito individual a aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. É, ampliar o mundo infantil, oportunizando as crianças o início de uma percepção do mundo e da vida em sociedade, que exigem uma certa postura, com ações adequadas a estas exigências. Desde cedo é importante à criança perceber que o universo não gira em torno dela, e que ela precisa assumir certas posturas para que ocorra a sana convivência em sociedade.

Esse tipo de educação ressaltada acima é possível se houver afetividade, proporcionando uma relação mais estreita entre as crianças, a família e a escola, sendo o vínculo afetivo o facilitador do processo de aprendizagem, e, além disso, do processo da construção de limites, por isso tanto família quanto escola são peças fundamentais nesse processo de educar verdadeiramente. Neste processo a criança desenvolve não somente o cognitivo, mas o ser como um todo, sendo que a capacidade de relacionamento está diretamente ligada ao desenvolvimento emocional responsável pela maturação da confiança, do autocontrole, da comunicação e da cooperação, imprescindíveis para as vivências em sociedade. Freire (1996, p. 120) ressalta que:

Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão mas um dever, até, desde que não pretendem assumir a missão de decidir por eles. (...) a posição da mãe ou do pai é a de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de sua autoridade, humildemente, aceita o papel de enorme importância de assessor ou assessora do filho ou filha. Assessor que, embora batendo-se pelo acerto de sua visão das coisas, jamais tenta impor sua vontade ou se abespina porque seu ponto de vista não foi aceito." (FREIRE, 1996, p. 120).

Nesta perspectiva, almeja-se compreender o que aconteceu com os limites e conseqüentemente com a disciplina das crianças da atualidade, como as inovações tecnológicas, o desenvolvimento e a exigência capitalista afetaram o modo de viver em família. Todas essas mudanças trouxeram grandes desafios na educação dos

filhos, por isso mesmo a parceria família escola é tão importante e se faz cada dia mais urgente, cada uma assumindo seu papel, fortalecendo essa união que compartilham o mesmo objetivo. Segundo PIAGET (1972–2000, p. 50 apud JARDIM, 2006, p. 15).

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET (1972 – 2000, p. 50 apud JARDIM, 2006, p. 15)

Ciente disso deseja-se refletir acerca da importância da família, já que esta é a base de tudo na vida do ser humano, é no seio desta que aprendemos as primeiras noções da vida em sociedade, os primeiros conceitos de cultura, de afeto, de carinho, de exemplos. As crianças precisam sentir-se amadas pelos pais, pela família, pois o amor lhes dá segurança, motivação e interesse pelo que os pais dizem e assim vão construindo os limites através dos vínculos afetivos. Por isso, é tão importante fortalecer a comunicação entre a família e a escola, afinal ambas se necessitam, elas tem trabalhos diferentes, mas que se complementam, sendo que nem uma e nem outra podem suprir todas as necessidades infantis sozinhas, é preciso haver uma parceria, para que as crianças compreendam quão importante são os limites que tornam possível a convivência em sociedade, percebendo-se enquanto ser individual dentro da coletividade.

Dessa forma, a afetividade deve fazer parte de nosso cotidiano, tanto familiar, quanto escolar, já que entendemos que só se aprende com prazer, quando é ensinado com amor. Na educação nada deveria ser imposto, pois não é novidade pra ninguém que a aprendizagem ocorre quando a criança torna-se parte do contexto e não é apenas um objeto no processo, e essa afetividade só é estimulada através da vivência, na qual o educador pode e deve estabelecer um vínculo de afeto com o educando.

Sabemos que para viver em sociedade, todo ser humano precisa aprender o que é certo e o que é errado, aprender o que é respeito e isso pode ser construído com carinho e amor. Ciente disso é possível afirmar que é durante as primeiras etapas de nossas vidas que construímos uma série de comportamentos que serão a

base para futuras vivências, e levando em consideração que não somos constituídos apenas pelo corpo e pelos seus movimentos, mas também pela inteligência, pela linguagem e principalmente pelo afeto, pelas relações, emoções e pelo contato, devemos perceber e evidenciar a afetividade como parte de fundamental importância em nossa constituição enquanto sujeitos. Por isso mesmo, que a escola, assim como a família são “chaves” para a exploração do campo das emoções e das relações entre os sujeitos, uma vez que não nascemos prontos, e que nosso eu subjetivo vai se desenvolver justamente no contato e nas trocas que vamos estabelecer tanto no espaço escolar quanto no espaço familiar.

Passamos toda a infância procurando esquecer a criança que éramos na véspera. O crescimento é isto. E a criança não deseja nada além do que não ser mais criança (Alain, 1948; In: LA TAILLE, Ives: Limites Três Dimensões Educacionais, 2001, pg.13).

A partir dessa citação percebemos o esforço que a criança faz cotidianamente para crescer, ela a cada dia aprende algo, vai se desenvolvendo e cada fase é uma conquista. E para ajudá-la e direcioná-la neste processo é que a família e a escola precisam estar juntas auxiliando-as, já que a construção de limites não é algo tão simples, às vezes, pais e educadores se sentem inseguros e temem que, ao impedir as crianças de realizarem determinadas vontades, estejam contrariando boas opções, essa insegurança gera dúvidas, portanto colocam menos limites, o que, na opinião de muitos é um erro, pois as crianças precisam que alguém as oriente para que saibam qual caminho seguir, para que saibam até onde elas podem ir, e quais limites elas devem respeitar, e por mais que talvez não demonstrem elas querem isso também, elas querem essa mão amiga, afetuosa que as ajude a caminhar, e quando os pais em determinadas ocasiões deixam-nas livre demais, permitindo tudo ou quase tudo, tal postura pode ser vista como descaso, descompromisso, como se não estivessem preocupados com os filhos, o que na maioria das vezes é sentido e refletido de alguma forma pelas crianças.

Nesta perspectiva gostaria de analisar por que estamos caminhando para uma sociedade cada vez mais egoísta, na qual o respeito pelo outro, bem como os valores e a cidadania não estão sendo considerados como primordiais para o estabelecimento de convivências cordiais e respeitadas, nas quais a resolução de

conflitos se dá de forma amistosa, sendo que o viver em sociedade tem como princípio o aspecto individual inserido em um aspecto mais amplo que é o coletivo. De acordo com Kamii (1994, p.73-74).

Uma questão importante para os pais e professores considerarem é por que certas crianças tornam-se mais autônomas que outras. A resposta de Piaget a essa questão é que os adultos reforçam a heteronomia natural da criança quando lançam mão de recompensas e punições, retardando, portanto, o desenvolvimento da autonomia. Se restringirem o uso de recompensas e punições e, ao contrário, trocarem ideias com as crianças, eles auxiliarão o desenvolvimento da autonomia. (KAMII, 1994, P.73-74).

2.1 - Construção das relações humanas afetivas

Os vínculos afetivos como já ressaltado são essenciais na construção das relações humanas, pois é por meio destes que a criança vai percebendo o que é certo e o que é errado, ela precisa de um adulto que a inspire e a conduza com amor. Freud exemplifica com muita propriedade essa relação:

Como o homem não é orientado por seus próprios sentimentos para a discriminação (entre bem e mal), precisa de um motivo para submeter-se a essa influência exterior a ele. Ele é facilmente identificado na sua dependência absoluta em relação a outrem, na sua angústia frente à perda de amor. Se lhe acontecer de perder o amor da pessoa da qual depende, ele perde também a proteção contra todo o tipo de perigo, da qual a principal é que essa pessoa todopoderosa lhe demonstre sua superioridade na forma de um castigo (FREUD, Sigmund, 1971; In: Limites Três Dimensões Educacionais, pg. 85-86).

Nesta citação fica clara a posição da criança em relação ao adulto, ela depende dele, por isso que carrega consigo o medo de perder o amor tão precioso que os adultos lhe oferecem e ainda sofrer a dor do castigo, então existe nesta relação uma espécie de compensação que é positiva, já que ela vai aprendendo que os limites são necessários e vão construindo juntos o que é permitido e o que não é permitido, que a vida é feita de ações e reações, a criança vai aprendendo as consequências de suas atitudes. Não que elas precisem aceitar tudo que lhe for imposto, existe um processo de construção dos limites que perpassa pelo rejeitar e

contestar, a criança neste processo de conquista, precisa compreender o porquê do não, para que aos poucos vá se apropriando do entendimento das regras tão importantes para a boa convivência em sociedade e na vida em geral.

É nesta perspectiva do aprender que nos deparamos do quão complexo é este processo, e como bem especifica Paulo Freire, (1996, p.159) ele exige ser realizado com querer bem aos educandos:

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. (FREIRE, 1996, p.159.)

Este expressar, sentir, estar presente neste processo é algo que se deveria exigir tanto do professor quanto do educando, já que não existe construção do conhecimento enquanto o indivíduo não se sentir sujeito da ação, interferindo na própria realidade para transformá-la, isso é educação, e necessariamente perpassa pela afetividade.

Neste sentido percebe-se que a maioria dos problemas com a falta de limites na criança é apenas um reflexo do adulto que está por trás dela, que por vezes se sente culpado devido inúmeros fatores, entre eles a correria cotidiana em que por exemplo, a mãe que precisa trabalhar fora de casa e conseqüentemente convive pouco tempo com o filho e quando estão juntos sente que deve fazer todas as vontades deste para que ele não se sinta abandonado, tentando suprir essa falta através de pequenos presentes, permissões em todos os momentos e justamente, quando tentar colocar um limite a criança vai reagir com birra, choro e para “não fazer sofrer o filho”, mais uma vez vai ceder e será feita a vontade do filho. Segundo Kamii, (1994, p. 74).

Por exemplo, se uma criança diz uma mentira, um adulto pode puni-la, privando-a de sobremesa. Mas o adulto pode também olhar a criança, olhos nos olhos, com afeição e ceticismo e dizer “Eu realmente não posso acreditar que isso seja verdade porque” (e explica o motivo). “E na próxima vez que você me contar alguma

coisa, eu não sei se acreditarei em você porque eu acho que você mentiu desta vez. Quero que você vá para seu quarto e pense no que aconteceu.” (KAMII, 1994, p.74)

Em outras palavras, é por meio das relações humanas que a criança vai construindo o seu modo de ser e de agir no mundo, sendo que as emoções com as quais a criança lida cotidianamente em seu ambiente primeiramente familiar e segundo escolar é que vão delineando as estruturas de seu próprio mundo, ou seja, se ela vivencia amor e respeito ela irá exalar exatamente isso, mas se ao contrário vivenciar agressividade e falta de respeito, geralmente, irá exalar isso, Para Vygotsky, “à medida que o indivíduo se relaciona com o ambiente é que ele vai aprendendo, modificando seu comportamento e orientando o desenvolvimento do pensamento.” Neste sentido os pais precisam educar os filhos nas ações cotidianas como guardar os próprios brinquedos, se sentar à mesa nos momentos das refeições... para que percebam e compreendam a necessidade de ajudar a organizar a sala de aula, guardar os brinquedos, se comportar adequadamente à mesa nos momentos das refeições, sendo como entende Vygotsky, “o desenvolvimento fruto de uma grande influência das experiências do indivíduo.”

Portanto, é importante que a criança desde cedo vivencie bons exemplos, que os adultos envolvidos neste processo de educar ensinem com amor os comportamentos adequados para que ela vá construindo seus próprios caminhos, entendendo a necessidade e o prazer de respeitar o outro, de cooperar, de resolver os conflitos através do diálogo, de ser sujeito das próprias ações.

CAPÍTULO III- Metodologia

O presente trabalho teve por objetivo geral investigar como os limites são construídos na família e na escola e como os vínculos afetivos auxiliam e interferem neste processo.

A abordagem escolhida para a pesquisa foi a de cunho qualitativo que permite uma abordagem mais próxima dos envolvidos no processo, de acordo com Minayo (1994, p. 22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p.22).

Foi realizado um trabalho de campo, no qual as observações e conversas informais com os educadores e crianças delinearam um perfil da realidade pesquisada. Este tipo de pesquisa segundo Marconi (2005, p.125), “baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade”.

3.1- Local da pesquisa:

A pesquisa será realizada na Escola Asas de Liberdade, situada na rua Hugo Ramos nº29, Cidade de Goiás, é uma escola filantrópica que atende exclusivamente crianças de educação infantil. É uma escola pequena, estão matriculadas 70 crianças, sendo que a metade em período integral e o restante meio período (de manhã). A estrutura da escola foge dos moldes tradicionais, possui um grande “barracão” com as laterais abertas, este é referência de sala de registro para as crianças de 04 e 05 anos, tem uma sala fechada que dá acesso a outra aberta, estas são a referência para as crianças de 02 e 03 anos, possui uma grande área aberta com areia onde tem o parquinho e outra onde desenvolve atividades como futebol, queimada, brincadeiras diversificadas.... Tem 02 banheiros adaptados para a idade das crianças e um refeitório, parcialmente aberto.

3.2- Público alvo

A pesquisa foi realizada na escola Asas de Liberdade, localizada na zona urbana do município de Goiás. Foi fundada em fevereiro de 2000, é uma escola filantrópica mantida pela ONG Centro Cultural Quilombo. Atende crianças na faixa etária de 02 anos a 06 anos (maternal, jardim I, II e III). É uma escola pequena, estão matriculadas 70 crianças, sendo que a metade em período integral e o

restante meio período (de manhã). A estrutura da escola foge dos moldes tradicionais, possui um grande “barracão” com as laterais abertas, este é referência de sala de registro para as crianças de 04 e 05 anos, tem uma sala fechada que dá acesso a outra sala aberta, estas são a referência para as crianças de 02 e 03 anos, possui uma grande área aberta com areia onde tem o parquinho e outra onde são desenvolvidas atividades como futebol, queimada, brincadeiras diversificadas.... Tem 02 banheiros adequados para a idade das crianças e um refeitório, parcialmente aberto.

O Projeto Político Pedagógico da Escola foi elaborado por toda equipe escolar no ano de 2004, sendo que as mudanças, conquistas, decisões importantes, frustrações são registradas neste, e assim vai-se construindo a história da escola. No PPP da escola encontram-se ideias de Paulo Freire e de Celestin Frenet, é pautado na LDB nº 9394/96 e nos Referenciais de Educação Infantil. O currículo da escola prevê:

A Escola “Asas de Liberdade” acredita em uma proposta curricular voltada para a formação integral das crianças, valorizando suas habilidades e procurando atuar em todas as áreas de conhecimento, nas quais as crianças de 02 a 05 anos de idade tenham a possibilidade de interagir com o espaço, com os colegas, com os educadores e consigo mesmo de maneira flexível, lúdica e educativa. Considerando tudo isso, com este esperamos contribuir para a construção da identidade, para a socialização e para o desenvolvimento da autonomia. Sendo assim, a experiência educativa em nossa escola é lúdica, explorativa, interativa, concentrada na atividade de cada criança que age, opera, explora a realidade, se relaciona consigo mesmo, com as coisas e com a cultura. (PPP Escola Asas de Liberdade).

A escola segue o calendário escolar com 200 dias letivos, distribuídos em 800 horas de efetivo exercício, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação e adaptado conforme a necessidade da instituição. Os eventos e datas comemorativas são planejados pelos professores e funcionários do estabelecimento, juntamente com o coordenador e diretor.

A administração da escola é exercida pela equipe gestora, professores e demais funcionários da instituição, sendo que as decisões são tomadas em comum acordo, tendo a participação e o envolvimento de todos que fazem parte do processo ensino aprendizagem.

Na escola existe e funciona outro organismo que é o Conselho Escolar, composto pelos pais, docentes e funcionários da entidade. Este se reúne a cada três meses, buscando dialogar sobre as questões cotidianas da escola, bem como de questões eventuais que envolvem o processo ensino – aprendizagem.

O processo avaliativo é pautado nas observações diárias, que são a base para a elaboração do relatório bimestral, este tem como instrumento norteador o Referencial de Educação Infantil. Ao final de cada bimestre é realizado o Plantão Pedagógico, sendo este um momento de diálogo entre pais e educadores a creca do desenvolvimento da criança.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi aplicado o questionário para 03 (três) professores que atuam na Educação Infantil da Escola Asas de Liberdade (Professor A: maternal, Professor B: Jardim I e Professor C: Jardim II), bem como questionário a 15 (quinze) pais da referida escola.

3.3 Instrumentos e coleta de dados

Segundo Gil (1999, p. 118), instrumento de coleta de dados é o documento através do qual as perguntas são apresentadas aos respondentes e registradas suas respostas. Chama-se, genericamente, de instrumento de coleta de dados a todos os possíveis formulários utilizados para relacionar dados a serem coletados e/ou registrar os dados coletados, utilizando-se de qualquer forma de administração (questionários, formulários para anotações de observações, tópicos a serem seguidos durante uma entrevista etc.).

O instrumento de pesquisa utilizado para coleta de dados foi um questionário com 07 (sete) questões abertas e 06 (seis) questões fechadas. Foram realizadas conversas informais com os agentes da escola-alvo frente a importância da

construção dos limites através dos vínculos afetivos. Esse instrumento foi adequado porque possibilitou que perguntas fossem respondidas pelos professores e pais sem que estes fossem identificados, e neste caso a não identificação do respondente facilita as respostas, porque o anonimato faz com que o participante fiquem resguardados.

CAPÍTULO IV- Análise e interpretação dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo que as questões fechadas serviram para dar conta dos dados sócio demográficos.

Questionário para os pais

O grupo dos pais e/ou responsáveis foi formado por 14 sujeitos sendo 2 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Em relação estado civil há 4 solteiros, 7 casados e 3 união estável.

Os dados sobre escolarização e nível socioeconômico são descritos nos gráficos abaixo:

Gráfico 1 – Escolarização

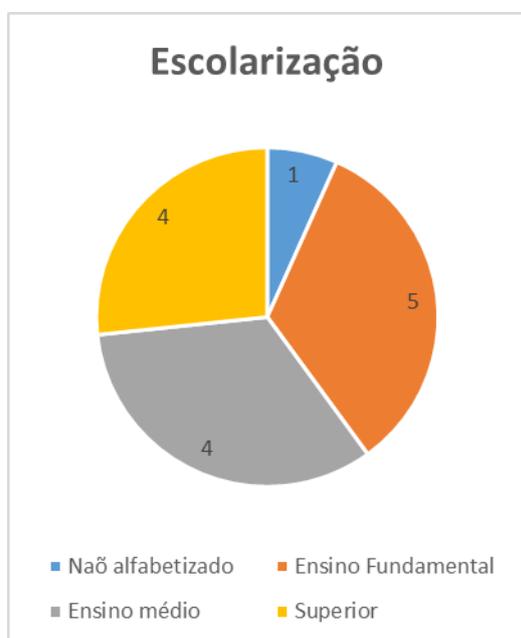


Gráfico 2 – Nível Socioeconômico



Em relação aos dados socioeconômicos foi possível perceber que somente duas pessoas do sexo masculino responderam o questionário, sendo a maioria respondida por mulheres. Quando ao estado civil sobressaiu a categoria casada. Foi possível observar estaticamente que as maiorias dos pais concluíram o ensino fundamental. Já em relação ao nível socioeconômico predomina-se a classe desfavorecida.

Observamos também que a localização da escola é no setor mais afastado do centro da cidade, setor periférico, apesar de seu endereço constar centro está entre os limites das periferias Alto Santana e Vila Lions, mas recebe criança de todos os bairro da cidade.

Na categoria como os limites são construídos na família e a importância da escola na construção destes, foi perguntado na questão 1: A vida em família é onde se inicia a aprendizagem emocional, então, segundo você, como é possível realizar a construção de limites? Dos quatorze pais que responderam ao questionário, 10 pais responderam que é tarefa difícil construir os limites, mas que eles tentam conversar, mostrar o que é certo, colocar de castigo quando a criança faz algo errado, mas confessaram que o tempo que passam com os filhos é pouco, por isso, muitas vezes mesmo cientes de que deveriam mostrar com carinho o porquê daquele não, ou daquele sim, na correria do dia a dia optam por deixar fazer o que quiserem e deixar a conversa para depois. 02 pais responderam que seus filhos sabem quem manda na casa e obedecem aos limites impostos, não acham que é importante conversar e sim que as crianças obedeçam as regras. 02 pais (maternal) responderam que ainda é cedo para colocar qualquer limite, “a criança ainda não entende a necessidade, por exemplo, de guardar os brinquedos, ou de não comer um doce pouco antes do almoço”.

Com base nos estudos de Piaget (1994), entende-se que a questão dos limites está relacionada ao desenvolvimento da moralidade na criança, sendo que este depende das relações sociais vivenciadas pela criança. De acordo com Piaget (1994, p .298):

As relações de respeito unilateral e de coação, que se estabelecem espontaneamente entre o adulto e a criança, contribuem para a constituição de um primeiro tipo de controle lógico e moral [. . .] Do ponto de vista intelectual, o respeito que a criança tem pelo adulto

tem por efeito provocar o aparecimento de uma concepção anunciadora da noção de verdade: o pensamento deixa de afirmar simplesmente o que lhe agrada para se conformar com a opinião do ambiente. (PIAGET, 1994, P.298)

Prosseguindo, na mesma categoria, foi perguntado: Você acredita ser importante ter atitudes de carinho com seu filho (a)? Os 14 pais responderam que sim, que os filhos se mostram mais tranquilos e felizes quando recebem carinho e atenção.

Observa-se que os pais são conscientes da importância do carinho na educação dos filhos, bem como da relevância de seu papel, segundo Goleman (1995, 204):

A vida em família é onde iniciamos a aprendizagem emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos, aprendemos como avaliar nossos sentimentos e como reagir a eles, aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprendemos tudo isso não somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente, com os seus próprios sentimentos e com aqueles sentimentos que se passam na vida conjugal. Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros são atrezo. (GOLEMAN. 1995, p. 204)

Na questão 3 foi perguntado: Existe uma relação entre o modo como os limites são colocados em família e o comportamento do seu filho (a) no ambiente escolar? Todos os pais (14) responderam que sim, pois a escola é a segunda casa da criança e sempre que conversam com os professores sobre questões de comportamento, as problemáticas são as mesmas que apresentam em casa, por exemplo, os pais que impõem limites disseram que recebem reclamações do autoritarismo do filho (a), que este resolve os conflitos cotidianos escolares com tapa, beliscão... Aqueles que procuram dialogar, os filhos são menos “explosivos” e muitas vezes pedem o auxílio do professor diante de algum conflito e aqueles que acham que ainda é cedo para se falar em limites são chamados com frequência à escola, pois os filhos não conseguem respeitar minimamente as regras de convivência.

Diante do apresentado percebe-se que os pais possuem uma visão positiva da relação família – escola, sendo cientes de que o comportamento da criança é influenciado pelo tipo de ação de ambas na vida da criança. De acordo com a Lei nº 9.394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação artigo 1º - a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A escola pode ser definida como a segunda instituição mais importante onde a criança dá continuidade no processo de formação.

A questão 4 versava sobre: Os vínculos afetivos são importantes na construção dos limites em família?

Quadro 1 – Importância dos vínculos afetivos.

Frequência	Respostas
10	São muito importantes, é através deles que a criança vai adquirindo segurança e vão percebendo os comportamentos adequados.
2	Não são importantes, a criança precisa perceber quem manda e que ela deve obedecer.
2	Sim

Hannah Arendt, (1972, p. 31) ressalta:

[...] com o pretexto de respeitar a independência da criança, excluimo-la do mundo dos adultos para mantê-la artificialmente no dela, se é que pode ser chamado de mundo. Essa maneira de manter a criança afastada é artificial, porque quebra as relações naturais entre as crianças e adultos, relações estas que, entre outras coisas, consistem em ensinar e aprender, e porque vai contra o fato de que a criança é um ser em plena formação e a infância é apenas uma fase transitória, uma preparação para a idade adulta” (1972; In: LA TAILLE, Ives: Limites Três Dimensões Educacionais, 2001, pg.31).

Você acredita ser importante dialogar com a escola? Essa foi a pergunta da questão 5, todos responderam que sim, mas explicaram porque nem sempre fazem isso:

Quadro 2 – o que impede o diálogo com a escola

Frequência	Respostas
08	Falta de tempo.
03	Receio por não entender muito bem o que acontece dentro da escola.
03	Nada impede, procuram com frequência à escola.

Neste sentido este diálogo deve partir da própria escola, que deve planejar momentos específicos para este fim, já que é ela quem conhece o processo de aprendizagem e os pais seriam o apoio na construção dessa parceria. De acordo com Piaget (2007, p.50):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

Quando questionado como você avalia a parceria família escola na construção dos limites, todos os pais avaliaram como positiva e necessária a parceria família escola na construção dos limites, mas 2 pais acrescentaram que colocar limites é função dos pais, disseram ainda que a criança que recebe disciplina em casa não vai ter problemas em respeitar os limites necessários para a convivência escolar, de acordo com eles educação vem de casa.

Essa parceria está pautada em lei, de acordo com o artigo 205 da Constituição Federal “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1998).” Reis (2007), ressalta que “a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família

jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.

Foi questionado ainda se existe uma relação entre os vínculos afetivos e a educação?

Todos os pais responderam que sim, uma mãe acrescentou que “minha filha demonstra um carinho enorme pela escola, ela acorda cedo perguntando: hoje tem aula? Se respondo sim, ela começa a se arrumar toda contente, se respondo não, às vezes ela até chora.” O carinho que ela recebe na escola com certeza lhe dá segurança e alegria, a maneira receptiva e carinhosa dos professores interfere diretamente na educação, a aprendizagem passa pelo emocional. Hugo Assmann citou em seu livro “Reencantar a Educação” trechos do livro “El derecho a la ternura” de Luís Carlos Restrepo:

Non cabe dúvida de que o cérebro necessita do abraço para seu desenvolvimento, e as mais importantes estruturas cognitivas dependem deste alimento afetivo para alcançar um nível adequado de competência. Não devemos esquecer, como Leontiev destacou há bastantes anos, que o cérebro é um autêntico órgão social, necessitado de estímulos ambientais para seu desenvolvimento. Sem aconchego afetivo o cérebro não pode alcançar seus ápices mais elevados na aventura do conhecimento. (RESTREPO in ASSMANN, 1998, p.31)

O último questionamento versava sobre como os vínculos afetivos auxiliam no processo de construção dos limites?

Todos os pais responderam que quando conseguem conversar com seus filhos com carinho, sem gritar ou sem bater percebem que eles entendem com mais facilidade o porquê de não poder agir de determinada maneira, mas 4 pais disseram que mesmo sabendo da importância do carinho e afeto nestes momentos geralmente não conseguem ser racionais e gritam ou até mesmo batem e muitas vezes voltam atrás por se arrependem da própria atitude e tentam se desculpar deixando pra colocar aquele limite em um outro momento. De acordo com Goulart (2013, p.01):

(...)A criança precisa de afetividade e compreensão para sentir-se segura nos processos de aprendizagem. Um ambiente desfavorável provoca a depreciação do amor, do sentimento de incapacidade e, conseqüentemente, um comportamento social comprometido (GOULART, 2013, p. 01).

Após analisar os questionários é possível afirmar que a maioria dos pais são menos autoritários, procuram construir os limites através do diálogo com os filhos, sabem a importância dos vínculos afetivos na construção dos limites, e como estes influenciam na construção de comportamentos adequados. Percebem ainda que a parceria família – escola se faz cada vez mais necessária e que o amor em família é o alicerce para o desenvolvimento saudável da criança. Portanto, são pais conscientes de seu papel, o que falta é colocar em prática todas essas percepções e o que fragiliza a construção dos limites com atitudes de carinho, amor e respeito é a falta de tempo e de persistência em atitudes simples do dia a dia que visam a construção dos limites em parceria com a escola.

Questionário para os professores

O grupo dos professores foi formado por 04 sujeitos sendo 01 do sexo masculino e 03 do sexo feminino. Em relação estado civil há 02 solteiros, 01 casado e 01 união estável.

Os dados sobre escolarização e nível socioeconômico são descritos nos gráficos abaixo:

Gráfico 3 – Escolarização

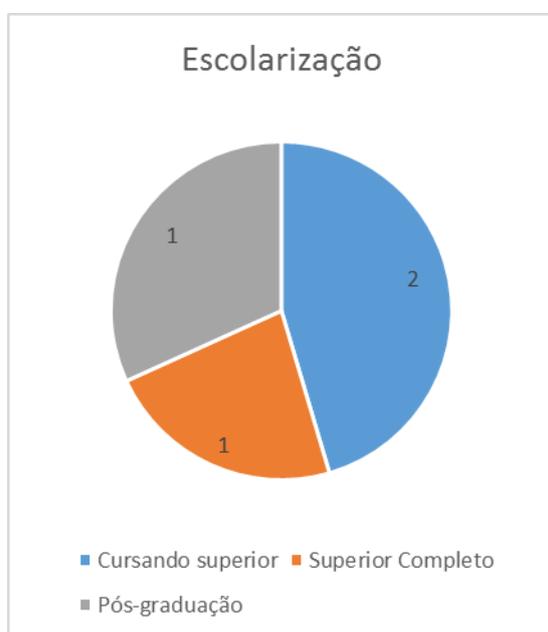
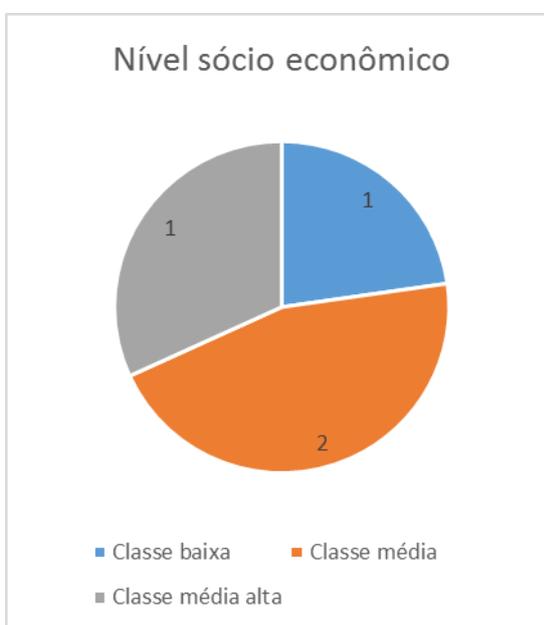


Gráfico 4 – Nível Socioeconômico



Em relação aos dados socioeconômicos foi possível perceber que somente uma pessoa do sexo masculino respondeu o questionário, sendo a maioria respondida por mulheres. Quando ao estado civil sobressaiu a categoria solteiro. Foi possível observar estaticamente que metade dos professores estão cursando superior (Pedagogia), uma superior completo (Pedagogia) e a outra Pedagogia e pós-graduação. Já em relação ao nível socioeconômico predomina-se a classe média.

Foi observado que os professores da escola campo, são profissionais comprometidos, que buscam se aperfeiçoar na área em que atuam, no caso, Educação Infantil.

Na categoria como os limites são construídos na escola e como os vínculos afetivos auxiliam e interferem neste processo, foi perguntado na questão 1: A afetividade interfere no processo educacional? Todos os professores responderam que a afetividade interfere no processo educacional, a professora do jardim II relatou que “se você fala com uma criança com carinho, ouve com atenção suas vivências e procura manter uma conversa sem impor autoridade, você verá o quanto ela se mostrará mais disposta a cumprir os combinados, a participar com interesse das propostas.” Segundo Goleman (1995, p.207):

A primeira oportunidade para moldar os ingredientes da inteligência emocional é nos primeiros anos, embora essas aptidões continuem a formar-se durante todo o período escolar. As aptidões emocionais, que, posteriormente, as crianças adquirem formam-se em cima daquelas aprendidas nos primeiros anos. E essas aptidões (...), são o alicerce essencial de todo o aprendizado. (GOLEMAN, 1995, p. 207).

A professora do maternal ressaltou ainda que a afetividade além de interferir positivamente no processo educacional traz segurança que é a base para o desenvolvimento da autonomia e auxilia no comportamento de um modo geral, parabenizar as conquistas, dar carinho, estimular com palavras encorajadoras são atitudes que reforçam a auto confiança e a auto estima, tão importantes na construção do conhecimento.

Prosseguindo, na mesma categoria, foi perguntado: O vínculo afetivo pode ser um facilitador no processo de construção dos limites? Os professores foram unânimes na resposta, segundo eles o vínculo afetivo facilita e muito o processo de

construção dos limites. O professor do Jardim III ressaltou que quando a criança se sente parte do processo e percebe que pode dialogar as regras, decidir junto com os colegas e professor os comportamentos adequados para a convivência diária ele se mostra mais apto em segui-las e quando qualquer regra é “quebrada”, dialogar o porquê com atenção e carinho faz com que eles percebam a necessidade da construção dos limites para as vivências em sociedade. De acordo com Freire (1996, p.165):

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser repões, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionarista. (FREIRE, 1996, P. 165).

Na questão 3 foi perguntado: Existe uma relação entre o comportamento da criança na escola e o modo como os limites são construídos em família? Novamente os professores foram unânimes na resposta: sim. A professora do jardim I frisou que a criança que resolve os pequenos conflitos com agressividade (tapas, empurrões, gritos...), quase sempre vivência em casa esse tipo de correção. A professora do maternal ressaltou ainda que nas brincadeiras simbólicas de “casinha” percebe-se nitidamente como os pais lidam com a questão dos limites em casa. Segundo Goleman (1995) “(...) mostram como o sucesso escolar depende, em grande parte, de características emocionais que foram cultivadas nos anos que antecedem a entrada da criança na escola.”

A questão 4 versava sobre: Quando uma criança se mostra agressiva, você acredita ser importante procurar entender o que se passa no ambiente familiar? Os quatro professores responderam que sim, o professor do jardim III disse que a criança aprende de acordo com as vivências, ela não é agressiva, mas o contato com o meio faz com que ela reproduza determinados comportamentos, por isso conversar com os pais para procurar entender o que está acontecendo, ou até mesmo alertá-los para os danos que podem causar na vida dos próprios filhos é também papel da escola, já que objetiva juntamente com a família, o desenvolvimento integral da criança. Nascimento, (2006, p.02) descreve a cena:

É na família que os indivíduos se relacionam e trocam experiências, visto que ela é, ao mesmo tempo, um espaço de conflito cooperativo

e um espaço determinante de bem-estar através da distribuição de recursos, passando muitas vezes a refletir diretamente dúvidas, aspirações e questões pessoais. Na família os filhos e demais membros encontram o espaço que lhes garantem a sobrevivência, desenvolvimento, bem-estar e proteção integral através de aportes afetivos e, sobretudo, materiais (NASCIMENTO, 2006, p.02).

O modo como a família se relaciona com a criança é perceptível na escola? Essa foi a pergunta da questão 5, todos responderam que na maioria das vezes sim, pois a criança, de acordo com o professor do jardim III, demonstra nas brincadeiras, na interação com os colegas, com os professores, com o ambiente, o modo como a família se relaciona com ela. Como exemplo a professora do jardim II citou o momento de organizar a sala de aula – tem crianças que se negam a guardar os brinquedos que ela mesma estava brincando, outras vão na maior boa vontade e guardam os brinquedos se mostrando solícitas e satisfeitas, nesta ação simples percebe-se que por trás da primeira criança tem um adulto que organiza sua bagunça e na segunda existe o limite que foi construído juntamente com a família. Segundo Leite e Gomes, (2008, p. 05):

A família é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, independentemente de sua formação. É no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprender os primeiros valores e hábitos. Tal convivência é fundamental para que a criança se insira no meio escolar sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e os outros (LEITE; GOMES, 2008, p. 05).

Você acredita que família e escola compartilham os mesmos objetivos? Este foi o sexto questionamento e todos os professores responderam que deveriam compartilhar, mas na prática a maioria dos pais esquecem do seu papel e deixam somente a cargo da escola a educação de seus filhos. A professora do jardim I ressaltou que em escolas de período integral como é o caso desta escola campo, as crianças passam a maior parte do tempo com os professores e os pais ao final do dia, cansados, muitas vezes ao invés de conversar, brincar, contar uma história, fortalecer os vínculos, colocam a criança na frente da televisão, a alimentam, fazem a parte de higiene e a colocam para dormir criando assim uma rotina, na qual o papel educador da família é relegado ao segundo plano. De acordo com Goleman, (1995, p. 293):

Como a vida em família não mais proporciona a crescentes números de crianças uma base segura na vida, as escolas permanecem como o único lugar a que a comunidade pode recorrer em busca de corretivos para as deficiências da garotada em competência emocional e social. (GOLEMAN, 1995 p.293).

Foi questionado ainda se os vínculos afetivos auxiliam no processo de construção de limites dentro da escola, todos os professores responderam que sim, acreditam que a aprendizagem está diretamente ligada ao emocional. De acordo com Freire, (1996, 159-160):

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (...) A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo. (FREIRE, 1996, p. 159 – 160)”.

O último questionamento foi: Segundo você a família da atualidade está assumindo com responsabilidade e consciência seu papel educador? Como nas outras respostas todos os professores responderam que a maioria das famílias não estão conseguindo assumir seu papel educador e estão deixando a cargo da escola. Nesta perspectiva, Leite e Gomes (2008, p.05) acrescentam que a família é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, independentemente de sua formação. É no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprender os primeiros valores e hábitos. Tal convivência é fundamental para que a criança se insira no meio escolar sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e os outros.

Contudo, sabe-se que muitas famílias não participam efetivamente do cotidiano escolar dos filhos e, conseqüentemente, influenciam negativamente no desenvolvimento do aluno em sala de aula. Os educadores buscam estratégias para que os pais se envolvam mais no processo de aprendizagem através de reuniões, que são utilizadas para relatar o que acontece na escola e com o aluno e/ ou promovem atividades de integração entre pais e filhos. Apesar dos esforços, nem sempre os pais comparecem nestes eventos, frustrando as expectativas da escola (FRAGA, 2012, p.01).

Após analisar os questionários percebe-se uma coerência entre o grupo de professores, percebe-se ainda que a visão de educação e criança que possuem é compartilhada e que os objetivos almejados são os mesmos. Se mostraram conscientes da importância da construção dos limites através dos vínculos afetivos, sendo as relações pautadas no amor, respeito, carinho, atenção, diálogo a essência da educação tanto familiar quanto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo ressalto quão complexo é abordar a temática da construção dos limites desde a mais tenra idade, primeiramente em família e em segundo plano na escola. Considerando a construção dos limites por meio dos vínculos afetivos, não sendo a criança motivada pelo medo da punição ou pela recompensa prometida. Quando se fala em construção, não se espera que a criança se submeta as ordens impostas, espera-se que ela aprenda a compreender as razões das regras para que possa entender o porquê deste ou daquele limite, bem como a importância destes nas vivências em sociedade.

Neste sentido o papel da família e da escola não é de “dar” limites às crianças e sim construí-los com amor, respeito, diálogo, carinho e atenção, se mostrando atentos e receptivos aos questionamentos, às necessidades das crianças, sendo este um modelo de educação humanística, pautada em lei, que possibilita o desenvolvimento da confiança, da autoestima imprescindíveis para o desenvolvimento integral da criança. Desse modo considero importante a reflexão, neste estudo, acerca da questão da afetividade, dos vínculos afetivos na construção dos limites, sendo que estes viabilizam as atitudes e comportamentos adequados, bem como sua importância para a vida pessoal e social.

Nesta perspectiva a parceria entre a família e a escola é decisiva na construção dos limites e o vínculo entre professor/aluno, pais/filhos, ajuda a criança a compreender o porquê dos limites serem tão importantes para as vivências sanas

e saudáveis, não tendo a visão destes como simples proibição. Por isso mesmo que se a família e a escola adotarem como princípio a construção dos limites através de conversa afetiva, carinhosa, ajudando a criança a superar seus medos e expectativas, vão-se delineando o modo de ser e de agir da criança no mundo.

Concluindo, julgo este trabalho extremamente importante para minha formação enquanto pedagoga, e aconselho a todos, pais e principalmente professores a buscarem compreender através de leituras e diálogos como é possível auxiliar a criança neste processo de construção de limites, sendo o vínculo afetivo fator determinante na forma como estes limites serão construídos e trabalhados, oportunizando assim à criança a participação nesta construção, enquanto sujeito ativo no desenvolvimento da própria autonomia.

Portanto, aos pais e professores cabe oferecer apoio, amparar, estar ao lado, relembrar com afeto, demonstrando que sempre estarão ali, presentes, auxiliando a criança neste complexo entendimento e construção de princípios fundamentais pautados no respeito e nos valores rumo a cidadania, cada vez mais cientes de que o aspecto individual se insere no coletivo de forma respeitosa e afetuosa, sendo então, a criança, conduzida com amor na construção dos limites que permeiam os relacionamentos humanos.

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Hugo. Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente/ Hugo Assmann. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRUNER, Jerome. A Cultura da Educação/ Trad. Marcos A. G. Domingues. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. **Família e a Aprendizagem escolar**. Porto Alegre, 2007.

FRAGA, Fernanda Rocha. **A participação dos pais no processo de escolarização dos filhos**. 2012. Disponível em: <http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-participacao-dos-pais-no-processo-de-escolarizacao-dos-filhos>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional. A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente. RJ: Editora Objetiva, 1995.

GOULART, Claudia Augusta. **A importância da Família na Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.ideiacriativa.org/2013/07/a-importancia-da-familia-na-educacao.html>.

KAMII, Constance. Aritmética: Novas Perspectivas: Implicações da Teoria de Piaget. – Tradução: Marcelo Cestari T. Lellis, Marta Rabioglio e Jorge José de Oliveira – 3ª edição – Campinas, SP, Papirus, 1994.

LA TAILLE, Yves de, Limites: Três dimensões educacionais / São Paulo: Ed. Ática, 2001. - 151 p.

LEITE, Eliane Gonçalves. GOMES, Haydê Morgana Gonçalves. **O papel da família e da escola na aprendizagem escolar : Uma análise na Escola Municipal José Teobaldo de Azevedo no Município de Limoeiro-PE**. Pernambuco, 2008.

LUDKE, Menga: ANDRÉ, Marli E.D.A. **A Pesquisa em Educação. Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. 1997

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Arlindo Mello do. **População e família Brasileira: Ontem e hoje.** Caxambu- MG–Brasil, 2006. Disponível em: http://143.107.236.240/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf.

PIAGET, Jean. O Juízo Moral na Criança. São Paulo: Summus, 1994.

_____, Para onde vai à educação? Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS:

Tema: A Construção de Limites por meio de Vínculos Afetivos na Família e na Escola

Objetivo do questionário:

- Investigar como os limites são construídos na família e qual a importância da escola na construção destes.

1.0 – A vida em família é onde se inicia a aprendizagem emocional, então, segundo você, como é possível realizar a construção de limites?

1.1 – Você acredita ser importante ter atitudes de carinho com seu filho (a)?

1.2 – Existe uma relação entre o modo como os limites são colocados em família e o comportamento do seu filho (a) no ambiente escolar?

1.3 – Os vínculos afetivos são importantes na construção dos limites em família?

1.4 – Você acredita ser importante dialogar com a escola?

1.5 – Como você avalia a parceria família escola na construção dos limites?

1.6 – Existe uma relação entre os vínculos afetivos e a educação?

1.7 – Como os vínculos afetivos auxiliam no processo de construção dos limites?

QUESTIONÁRIO PARA OS (AS) PROFESSORES

Tema: A Construção de Limites por meio de Vínculos Afetivos na Família e na Escola

Objetivo do questionário:

- Investigar como os limites são construídos na escola e como os vínculos afetivos auxiliam e interferem neste processo.

1.0 - A afetividade interfere no processo educacional?

1.1 - O vínculo afetivo pode ser um facilitador no processo de construção dos limites?

1.2 - Existe uma relação entre o comportamento da criança na escola e o modo como os limites são construídos em família?

1.3 - Quando uma criança se mostra agressiva, você acredita ser importante procurar entender o que se passa no ambiente familiar?

1.4 - O modo como a família se relaciona com a criança é perceptível na escola?

1.5 - Você acredita que família e escola compartilham os mesmos objetivos?

1.6 - Os vínculos afetivos auxiliam no processo de construção de limites dentro da escola?

1.7 - Segundo você a família da atualidade está assumindo com responsabilidade e consciência seu papel educador?

ANEXOS

ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa, “A Construção de Limites Por Meio de Vínculos Afetivos na Família e na Escola”, no qual o objetivo é investigar como os limites são construídos na família e na escola e como os vínculos afetivos auxiliam e interferem neste processo.

O Projeto 5 fase 2 tem a orientação da Prof^a. Sonia Freitas Pacheco Pereira da Universidade de Brasília- Faculdade de Educação- Curso de Pedagogia a Distância e da tutora Ana Cristina Rodrigues Pereira.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução N°. 466 do Conselho Nacional de Saúde e Resolução PPGE UnB N°. 12 sobre Ética em Pesquisa em Educação. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os pesquisadores terão conhecimento dos dados.

O senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta pesquisa.

Romilda M^a de Araújo Camargo

Novembro de 2015

ANEXO 2 – Carta de Apresentação

Prezado (a),

Sou estudante do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade de Brasília- Faculdade de Educação – Universidade Aberta do Brasil UnB-FE-UAB e para a obtenção do título de graduada em pedagogia estou realizando uma pesquisa sobre “A Construção de Limites Por Meio de Vínculos Afetivos na Família e na Escola”.

Em hipótese alguma você será identificado. Os dados aqui coletados serão usados apenas para fins acadêmicos.

Agradeço sua colaboração e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Romilda M^a de Araújo Camargo

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Estou cursando a segunda graduação em licenciatura, trabalho há 15 anos com educação infantil, amo o que faço, por isso decidi cursar pedagogia para alicerçar ainda mais minha prática. Vivencio a prática pedagógica como um grande desafio, por isso, acredito que uma boa formação seja fundamental para que o processo de aprendizagem ocorra de maneira significativa e satisfatória.

A prática pedagógica me fascina, a cada dia busco trazer para o cotidiano escolar algo novo como: histórias, canções, jogos, brincadeiras... que auxiliem a criança a construir paulatinamente suas próprias aprendizagens.

Tenho muitas expectativas relacionadas ao meu fazer pedagógico, busco a cada dia maior clareza e coerência de ideias, já que acredito e almejo uma sociedade mais igualitária, que oportunize a todos qualidade de vida. Busco embasar minha prática nos pressupostos teóricos de Paulo Freire, gosto muito da seguinte consideração:

“Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126)”

Neste sentido sonho, a cada dia, a cada momento, a cada proposta, a cada vivência com as crianças com um mundo melhor, um mundo dos “sonhos possíveis” e o ser pedagoga me aproxima cada vez mais deste sonho.